

AULA 11 — O indígena na tela

Do cocar genérico à câmera na própria mão

UC8 – Narrativas de Identidade e Nação · 3º BIMESTRE · 90 minutos · Atividade individual

Estudante(s): _____ Turma: _____ Data: ____/____/____

Feche os olhos por um instante e imagine um indígena brasileiro. Quase certamente apareceu uma imagem: cocar de penas, arco e flecha, pintura no rosto, floresta ao fundo, sem roupa ocidental.

Essa imagem não veio da sua experiência — a maioria de vocês nunca conviveu com uma pessoa indígena. Ela veio da televisão, do livro didático, da festa junina, da propaganda e do carnaval. Alguém a produziu, e esta aula investiga quem, quando e com que consequência.

CONCEITO-CHAVE · O QUE VOCÊ DEVE SABER AO FINAL DESTA AULA

1) Identificar os estereótipos mais frequentes na representação de povos indígenas. 2) Explicar a armadilha da autenticidade e por que ela é juridicamente insustentável. 3) Reconhecer o critério de autoidentificação previsto na Convenção nº 169 da OIT. 4) Diferenciar produção SOBRE e produção POR povos indígenas.

FIQUE ATENTO

COMO ESTE MATERIAL ESTÁ ORGANIZADO. O BLOCO 1 é para ser lido e resolvido em sala, individualmente. O BLOCO 2 é para concluir em casa e trazer na próxima aula.

BLOCO 1 · PARA FAZER EM SALA

Leitura das seções 1 a 5 e resolução das questões 1 a 4 · cerca de 60% do material

1. O indígena genérico

Comece pelo problema mais visível. A imagem mental que descrevemos na abertura não corresponde a nenhum povo específico: é uma colagem.

O cocar de penas longas pertence a determinadas tradições e não a outras. A pintura corporal varia entre povos, e cada grafismo tem significado próprio — não é enfeite. O arco e a flecha convivem, em muitas comunidades, com outros instrumentos, inclusive industrializados. A floresta ao fundo ignora os povos do Cerrado, da Caatinga, do Pantanal e das áreas urbanas.

CONCEITO-CHAVE · ESTEREÓTIPO

Imagem simplificada e repetida que atribui a um grupo inteiro um conjunto fixo de características, apagando as diferenças internas. O estereótipo não é necessariamente negativo: pode ser "positivo" — o indígena naturalmente sábio, naturalmente pacífico — e ainda assim funcionar como redução.

FIQUE ATENTO

ERRO CLÁSSICO DE PROVA: afirmar que o estereótipo é ruim porque é ofensivo. Nem sempre é ofensivo. O problema é outro e mais profundo: ele substitui mais de duzentos e cinquenta povos, com línguas e organizações sociais distintas, por uma figura única. É uma operação de apagamento da diversidade — e o apagamento não precisa ser hostil para ser eficaz.

EXEMPLO · O CALENDÁRIO ESCOLAR

Durante décadas, o dia 19 de abril foi celebrado nas escolas brasileiras com crianças fantasiadas de "índio": cocar de papel, rosto pintado com tinta guache e grito imitado. Compare com o modo como a escola trata outras culturas e você perceberá o problema: fantasiar-se de um povo vivo é tratá-lo como personagem, não como contemporâneo.

RESUMINDO

- A imagem corrente do indígena é uma colagem, não corresponde a nenhum povo real.
- Estereótipo não precisa ser hostil para apagar a diversidade.
- A fantasia escolar trata povos vivos como personagens.

2. A armadilha da autenticidade

Existe um segundo mecanismo, mais sofisticado e muito mais perigoso do ponto de vista jurídico. Ele aparece sempre que alguém diz: aquele ali não é índio de verdade, porque usa celular, boné, óculos ou fala português.

CONCEITO-CHAVE · A ARMADILHA DA AUTENTICIDADE

Exigência implícita de que um povo permaneça idêntico ao que era no passado para ter sua identidade reconhecida. É armadilha porque nenhuma cultura viva permanece idêntica — e porque a mudança, quando ocorre em povos indígenas, é lida como perda de identidade, ao passo que a mesma mudança, em qualquer outro grupo, é lida como modernização.

Aplique o teste da simetria, que é sempre revelador. Ninguém diz que um brasileiro deixou de ser brasileiro por usar tênis americano, comer comida japonesa ou assistir a série coreana. Ninguém diz que um italiano deixou de ser italiano por usar smartphone. A exigência de imutabilidade é aplicada seletivamente.

FIQUE ATENTO

E agora o ponto jurídico, que é o mais importante desta aula. A Constituição, no art. 231, reconhece "organização social, costumes, línguas, crenças e tradições" — não exige que sejam idênticos aos de 1500. E a Convenção nº 169 da OIT, estudada na aula passada, estabelece que a CONSCIÊNCIA DA IDENTIDADE INDÍGENA é critério fundamental para determinar a quem se aplicam suas disposições. Ou seja: o critério é a autoidentificação, não a aparência nem a aprovação de terceiros.

Guarde a consequência prática: quem exige cocar para reconhecer identidade está aplicando um critério que o direito brasileiro e o direito internacional rejeitam expressamente.

CONCEITO-CHAVE · VOCABULARY · QUATRO TERMOS EM INGLÊS

SELF-IDENTIFICATION — autoidentificação, o critério da Convenção nº 169. STEREOTYPE — estereótipo. REPRESENTATION — representação: quem aparece, como aparece e quem decide isso. TOKENISM — presença simbólica de um membro de grupo minorizado, usada para dar aparência de diversidade sem alterar as estruturas de decisão.

RESUMINDO

- A armadilha exige que o povo permaneça igual ao passado para ser reconhecido.
- Nenhuma cultura viva é imutável; a exigência é aplicada seletivamente.
- Convenção nº 169: a autoidentificação é o critério fundamental.

3. Como o cinema construiu o indígena

Retome a Aula 02, em que estudamos o vanishing Indian na literatura em inglês. O cinema do século XX herdou aquele repertório e o multiplicou por milhões de espectadores.

No faroeste clássico de Hollywood, os povos nativos aparecem quase sempre em um de dois papéis: o obstáculo violento que o herói precisa vencer, ou o auxiliar silencioso e leal. Em ambos os casos, sem língua própria, sem projeto próprio e, frequentemente, interpretados por atores brancos com maquiagem — prática que recebeu em inglês o nome de REDFACE.

VOCÊ SABIA?

A palavra REDFACE é formada por analogia a BLACKFACE, a prática de atores brancos pintarem o rosto para interpretar personagens negros, comum nos espetáculos populares do século XIX — os mesmos que, como vimos na Aula 07, deram nome às leis Jim Crow. Repare como os fios se cruzam: a mesma indústria de entretenimento forneceu o vocabulário da segregação e a imagem do nativo.

No Brasil, a televisão fez algo próximo. Personagens indígenas apareceram sobretudo em novelas de época e em tramas ambientadas em passado remoto, o que reforça a ideia de que indígena é figura do passado. Quando aparecem no presente, com frequência é como problema a resolver ou como curiosidade exótica.

FIQUE ATENTO

Repare no efeito acumulado. Se um grupo só aparece no passado, o espectador conclui que ele pertence ao passado. Se só aparece como problema, conclui que é problema. A representação repetida não descreve a realidade: ela ensina o público a percebê-la de determinado modo. Isso vale para qualquer grupo — e é por isso que representação é assunto político, e não apenas estético.

RESUMINDO

- O faroeste fixou dois papéis: obstáculo violento e auxiliar silencioso.
- Redface e blackface: personagens interpretados por atores de fora do grupo.
- Aparecer só no passado ensina o público a situar o grupo no passado.

4. Quando a câmera muda de mão

Agora a virada, que é o assunto central desta aula e a continuação direta da Aula 05.

Desde os anos 1980 e 1990, projetos de formação audiovisual levaram câmeras e equipamentos de edição a comunidades indígenas brasileiras. O resultado foi uma produção autoral: filmes dirigidos, filmados e editados por cineastas indígenas, muitas vezes falados em língua indígena com legendas em português.

E o que muda quando a câmera troca de mão? Muda o que é considerado digno de ser filmado. Um documentário externo tende a filmar o ritual, o exótico, o que impressiona o espectador de fora. A produção interna filma também o cotidiano, a assembleia, a conversa dos mais velhos, a piada, o trabalho — coisas que só interessam a quem vive ali e que, exatamente por isso, mostram uma comunidade em vez de um espetáculo.

EXEMPLO · DUAS VERSÕES DE UM MESMO DIA

Suponha que uma equipe de fora filme uma aldeia por um dia. Vai buscar o momento mais visualmente forte — uma pintura corporal, uma dança, uma flecha. Suponha agora que alguém da comunidade filme o mesmo dia. Vai registrar a reunião sobre um problema de água, a conversa sobre a escola, a colheita, alguém rindo. Os dois filmes são verdadeiros. Mas só o segundo mostra pessoas vivendo; o primeiro mostra pessoas sendo observadas.

FIQUE ATENTO

Esta é a Aula 05 aparecendo em imagem em vez de texto. Lá, a mudança foi da personagem para o autor. Aqui, é do objeto filmado para quem opera a câmera. Em ambos os casos, o que muda é quem tem o poder de decidir o que é relevante.

RESUMINDO

- Projetos de formação audiovisual produziram cinema indígena autoral.
- Quem filma decide o que merece ser filmado.
- A produção interna mostra cotidiano; a externa tende ao espetáculo.

5. A escola e o cinema brasileiro

Há uma norma pouco conhecida que conecta diretamente este tema à sua sala de aula.

CONCEITO-CHAVE · LEI Nº 13.006, DE 2014

Acrescentou dispositivo à Lei de Diretrizes e Bases determinando a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica, como componente curricular complementar, por no mínimo DUAS HORAS MENSAIS.

Some essa norma às Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, estudadas na Aula 04 e na Aula 05. O conjunto compõe uma política: o Estado decidiu que a escola brasileira deve exibir produção nacional e ensinar história e cultura afro-brasileira e indígena.

PARA PENSAR

Se a lei existe desde 2014, quantos filmes brasileiros você assistiu na escola? E quantos deles foram dirigidos por pessoas indígenas ou negras?

FIQUE ATENTO

Reconheça o padrão pela última vez neste bimestre, agora aplicado a você mesmo: a norma existe, o direito está previsto, e a efetividade depende de execução, recurso e cobrança. É exatamente o conceito de eficácia social da Aula 07 — e desta vez o titular do direito é o estudante.

RESUMINDO

- Lei nº 13.006/2014: duas horas mensais de filme nacional na escola.
- Somada às Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, compõe uma política de currículo.
- Norma prevista e norma cumprida são coisas diferentes.

ATIVIDADE — PARTE A (em sala)

Responda no espaço abaixo. Você pode consultar o texto durante a resolução.

1. Descreva a imagem mental que você tinha de um indígena antes desta aula. Em seguida, aponte pelo menos três elementos dessa imagem que não correspondem à diversidade real dos povos indígenas brasileiros.
2. Explique o que é a ARMADILHA DA AUTENTICIDADE e por que ela é juridicamente insustentável. Cite o critério previsto na Convenção nº 169 da OIT.
3. O texto afirma que "a representação repetida não descreve a realidade: ela ensina o público a percebê-la de determinado modo". Explique essa frase e dê um exemplo com OUTRO grupo social — mulheres, pessoas idosas, moradores de periferia, pessoas com deficiência.
4. Compare o que uma equipe externa e um cineasta da própria comunidade escolheriam filmar em um mesmo dia de aldeia. O que essa diferença revela sobre quem detém o poder de narrar?

6. Tokenismo: a diversidade de fachada

Existe uma forma sutil de exclusão que aparece justamente quando parece haver inclusão. Vale aprender a nomeá-la.

CONCEITO-CHAVE · TOKENISMO

Inclusão simbólica de um único integrante de grupo minorizado, suficiente para dar aparência de diversidade, mas sem qualquer alteração nas estruturas de decisão. O termo vem do inglês token, que significa ficha ou símbolo — algo que representa, mas não é a coisa em si.

Você identifica tokenismo com três perguntas simples. A pessoa tem fala e função próprias ou está ali para compor imagem? Ela participa das decisões ou apenas aparece no resultado? Se fosse retirada, a estrutura mudaria em alguma coisa?

EXEMPLO · COMO ISSO APARECE

Um cartaz institucional com uma pessoa de cada grupo, produzido por uma equipe inteiramente homogênea. Um filme com uma personagem indígena que não tem nome, não tem fala e existe para ensinar algo ao protagonista. Um evento sobre um tema em que o único palestrante do grupo afetado fala por dez minutos no último painel.

FIQUE ATENTO

O contrário de tokenismo não é aumentar o número de pessoas: é redistribuir decisão. Por isso a mudança relevante no cinema não foi colocar mais indígenas na frente da câmera, e sim colocá-los atrás dela — na direção, no roteiro e na montagem.

RESUMINDO

- Tokenismo: presença simbólica sem participação nas decisões.
- Três testes: tem fala própria? participa da decisão? sua ausência mudaria algo?
- O contrário de tokenismo é redistribuir poder, não aumentar número.

7. Um roteiro para analisar qualquer imagem

Encerro com um instrumento prático, derivado do método das cinco perguntas e ajustado para produtos audiovisuais. Use na atividade e no seminário.

CONCEITO-CHAVE · SETE PERGUNTAS PARA ANALISAR UMA REPRESENTAÇÃO

1) Quem produziu — direção, roteiro, produção? 2) Para quem foi produzido — qual é o público-alvo? 3) O personagem tem nome, fala e objetivo próprios? 4) Ele age ou apenas reage às ações de outro? 5) A história continuaria se ele fosse retirado? 6) Em que tempo ele é situado — passado, presente, futuro? 7) Quem, na cena, detém o conhecimento e a decisão?

As perguntas 3 a 5 formam um teste bastante confiável. Personagem sem nome, sem objetivo próprio e cuja retirada não altera a trama não é personagem: é elemento de cenário.

FIQUE ATENTO

Aplique esse roteiro também ao material que você consome todo dia — série, vídeo curto, propaganda, jogo. A finalidade desta unidade curricular não é fazer você desconfiar de tudo, e sim fazer você perceber que toda representação envolve escolhas, e que escolhas podem ser discutidas.

Na próxima aula, a discussão sai do campo da representação e entra no campo penal: o que a lei brasileira faz quando o preconceito deixa de ser imagem e vira ato.

GLOSSÁRIO DA AULA

Termo	Definição
Estereótipo	Imagem simplificada e repetida que atribui características fixas a um grupo inteiro.
Armadilha da autenticidade	Exigência de que um povo permaneça idêntico ao passado para ser reconhecido.
Autoidentificação	Critério da Convenção nº 169 da OIT: a consciência da identidade é fundamental.
Representação	Quem aparece, como aparece e quem decide isso.
Tokenismo	Inclusão simbólica que não altera as estruturas de decisão.
Redface	Prática de atores de fora do grupo interpretarem personagens indígenas com maquiagem.
Blackface	Prática análoga em relação a personagens negros, comum no século XIX.
Vanishing Indian	Ideia do indígena fadado a desaparecer, herdada da literatura pelo cinema.
Self-identification	Autoidentificação, em inglês.
Lei nº 13.006/2014	Determina a exibição de filmes nacionais nas escolas, duas horas por mês.

REPERTÓRIO PARA A REDAÇÃO E PARA O VESTIBULAR

Representação é um dos temas mais frequentes em redação, e esta aula oferece o vocabulário técnico que a maioria dos candidatos não tem: estereótipo, tokenismo, autoidentificação e armadilha da autenticidade. A tese mais forte é a de que representação não é enfeite, e sim distribuição de poder — o que se prova com a diferença entre estar diante da câmera e operá-la. Serve para temas sobre povos indígenas, racismo, gênero, pessoas com deficiência, idosos e periferias. A citação da Convenção nº 169 dá base normativa a um argumento que normalmente aparece só no plano cultural.

PARA IR ALÉM

- BRASIL. Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014; Lei nº 11.645/2008; Lei nº 10.639/2003.
- BRASIL. Constituição Federal de 1988, art. 231.
- OIT. Convenção nº 169, art. 1º, item 2 (consciência da identidade indígena).
- MUNDURUKU, Daniel. O caráter educativo do movimento indígena brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2012.
- Acervo do projeto Vídeo nas Aldeias (produção audiovisual indígena brasileira).